

Para uma proposta de transcrição fonética para o Português Europeu cantado

Susana Correia

Universidade de Lisboa

Resumo

É do conhecimento geral que, apesar da inegável semelhança entre as línguas, a pronúncia do Português Europeu (PE) difere significativamente da do Português Brasileiro (PB). Por esse motivo, não é uma solução adequada a apropriação, por cantores portugueses, da norma de transcrição fonética usada para o canto em PB (Kayama, A., Carvalho, F., Castro, L. M., Herr, M., Rubim, M., Pádua, M. P. & Mattos, W. “PB cantado: normas para a pronúncia do português brasileiro no canto erudito”, *OPUS*, v. 13, nº 2, 2007) por exemplo, as palavras *tapete*, *telefone* ou *menina* são pronunciadas de formas diferentes em PE e em PB - *tapete* é *tapê(t)e* ou *tápê(t)chi*, *telefone* é *t(e)l(e)fon(e)* e *têlêfôni* e *menina* é *m(e)nina* e *minina*, respectivamente.

A ortografia, por seu lado, também não é uma solução apropriada, já que aquela é frequentemente ambígua (ex.: *paço* e *passo* mas *sede* - vontade de beber - e *sede* - casa-mãe) e a oralidade das duas línguas tem especificidades que, como acontece noutros idiomas, nem sempre são captadas e representadas pela ortografia. Por exemplo, um falante de PB que oiça um falante de PE dar uma *sug(e)stão* sobre uma determinada ária, pode acabar por apanhar um *sustão*!

Nesta comunicação, mostrar-se-ão os problemas que derivam do uso da (orto)grafia na representação do Português falado e apresentar-se-ão ferramentas alternativas que devem ser utilizadas pelos profissionais da linguagem, da fala ou do canto.

Assim, procuraremos fazer:

- i) uma apresentação e descrição dos símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (consoantes, vogais, diacríticos, etc), com destaque para os que são utilizados em transcrições fonéticas do PE;
- ii) um levantamento das principais questões que se colocam na oralidade e aquando da transcrição fonética do PE, com relevo para os processos fonológicos e fonéticos mais frequentes na língua (redução e apagamento de vogais átonas, assimilação do vozeamento por sibilantes, alterações/apagamentos segmentais em casos de adjacência de consoantes ou de ligação de palavras, etc);
- iii) uma comparação entre a fonética do PE e do PB, com uma breve análise da proposta de transcrição fonética feita para o PB cantado.

Nesta comunicação, fazer-se-á ainda uma distinção entre transcrição fonética larga (transcrição de uma produção oral mais lenta ou idealizada) e transcrição fonética estreita (transcrição de fala espontânea, real), uma vez que, no caso do PE (falado ou cantado) ela tem importantes implicações na forma como se lê e representa graficamente a fala, na qualidade e na quantidade de sons produzidos e representados.

Recorrer-se-á a registos de áudio para ilustrar casos concretos, ao longo dos vários momentos da apresentação, nomeadamente no momento em que se referirem os símbolos/sons do Alfabeto Fonético, os processos fonológicos e fonéticos mais frequentes no Português Europeu e as diferenças entre transcrição fonética larga/estreita.

Nota Biográfica:

Susana Correia é doutoranda de Linguística Geral, especialidade de Linguística Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e desenvolve investigação no âmbito da aquisição da Fonologia pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Mestre em Linguística Geral, leccionou durante quatro anos as disciplinas de Introdução à Linguística, Fonética e Fonologia ao curso de Terapêutica da Fala da Escola Superior de Saúde de Faro (Universidade do Algarve).